

À Prof. Tarcísio
De Natal
28.11.80.

003

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DEMEC/RS

EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA
CFE - COMISSÃO DE EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA - DF

A presente dificuldade fundamental do ensino de Educação Moral e Cívica:

- Morreram os Valores Morais ?

Parecer nº 338/80
CEMC
Aprovado em 09/04/80
Processo s/nº

I -- RELATÓRIO

1. Situação do Problema

De todas as partes do Brasil, em Simpósios, em Congressos, em publicações, os professores de Educação Moral e Cívica, entre outras dificuldades com que tropeçam em sua missão junto às novas gerações de adolescentes e jovens, manifestam uma perplexidade fundamental: - Morreram ou não os Valores Morais ?

Se não morreram, como se explica a mutação profunda que ocorre na sociedade atual, onde todos os antigos padrões de comportamento são abandonados e desprezados, trocando-se a moral que prevaleceu até agora por uma "nova ética" sem pecado e sem tabus ? E se morreram, para que se continuar a perder tempo em aulas de Educação Moral e Cívica, enfadonhas e bolorentas?

Aprofundemos um pouco o sentido desta indagação angustiada: - Morreram os Valores Morais?

Depois da "Morte de Deus", anunciada pelos teólogos desta corrente de pensamentos desde os anos 50, parece que as obrigações morais que todas as religiões (e especialmente o Cristianismo) colocam sobre os ombros da Humanidade, paciente e sofrida, perderam o seu sentido.

Se sondamos a mentalidade contemporânea, encontramos, por todos os lados, um materialismo radical, que assume as feições dos três ídolos da nossa época: o ídolo do poder, o ídolo do hedonismo e o ídolo consumista da riqueza. Por toda parte, em regimes políticos de signos opostos, está proclamada a prevalência do "ter" sobre o "ser". A antiga moral é ridicularizada e os postulados libertários da nova moral (que na realidade é amoral) avançam incoercivelmente sobre um campo de batalha abandonado. No mundo inteiro, o panorama é quase o mesmo, igualmente trágico: desmorona a família, crimes como o aborto e a eutanásia passam a ser protegidos pela Lei e o coração humano prossegue insensível às injustiças sociais que nos rodeiam, e cuja erradicação só uns poucos tomam a sério.

2. Juízo de Realidade e Juízo de Valor

Voltemos a olhar para o nosso mundo interior, e vamos tentar, num exercício de introspecção, surpreender o modo de agir do nosso espírito. Nossa inteligência se move, penosamente, como um espírito mergulhado na matéria ("Corpo mártir, conheço o teu mérito obscuro: tu soubeste ficar imóvel como o firmamento, para deixar passar as estrelas do espírito, ardendo no seu fogo e voando no seu vento" - Cecília Meireles).

A função incessante da inteligência é captar conceitos, aproximá-los entre si, e proclamar sua união ou sua incompatibilidade. É árduo este caminhar que parte da sincrética visão, desdobra-se num esforço de análise, para desaguar na plenitude da síntese.

Mas, enquanto contemplamos nossa inteligência a emitir juízos (no sentido filosófico), vemos que o espírito que ilumina nossa interioridade, de fato, pronuncia dois tipos bem diversos de juízos: a) um juízo de realidade: neste momento, a temperatura em Brasília é de 23 graus centígrados; b) ou um juízo de valor: é belo e bom formar moralmente um adolescente.

Busquemos, agora, analisar fenomenologicamente cada um desses tipos de juízo, observando e anotando as características mais evidentes em cada um. Fiquemos com os dois exemplos acima citados. Confrontando-se entre eles mesmos, vemos:

1. O juízo da realidade constata: está na região dos fatos;

O juízo de valor avalia. Explica-se a redundância etimológica: o juízo de valor *prefere*. É que ele está na zona espiritual do "querer bem", do *præferre*: colocar na frente, como diziam os romanos.

2. O juízo de realidade se distingue pela primazia que ele dá ao objeto.

O juízo de valor se diferencia por conceder a primazia ao sujeito.

3. No juízo de realidade, temos a impressão de que nosso espírito desemboca numa certeza científica, granítica, segura de si, desafiadora do tempo.

No juízo de valor, nossa alma hesita, presa de uma certa insegurança: será sempre assim? Ou estarei enganado?

4. No juízo de realidade, as regras implacáveis da Lógica se impõem à nossa inteligência. Por isso o juízo de realidade é eminentemente racional, fruto do encadeamento de motivos lógicos.

No juízo de valor surge sempre um elemento que não é racional, que é alógico. Se conseguimos surpreender, no nascedouro, um juízo de valor que desabrocha nas entranhas de nosso espírito, vemos que há nele uma brecha que se rasga para o indemonstrável, algo que ultrapassa a dimensão puramente racional. O juízo de valor rebenta de uma fissura que, dentro de nós, se abre para uma clareira subjetiva, pessoal, intransferível, onde se vê brilhar uma estranha claridade, a que, balbuciantes, damos o nome de o BEM, o SAGRADO, o DEVER.

5. No julgamento de realidade, onde prima a linha de consequência, como vimos, há sempre algo de mecânico: a inteligência, entendida como a "faculdade de resolver problemas", nos oferece, com este tipo de juízo, um produto coerente com as leis da Lógica, um efeito necessário, marcado por um certo determinismo latente. Por conta deste traço mecânico previsível; científico, este produto lógico é armazenável em computadores. No juízo de valor surge um elemento emocional, da dimensão da vontade,

tocado pelo sopro da liberdade. Fruto da "percepção do coração", este juízo de valor, por ser eminentemente subjetivo, é imprevisível e não é armazenável em computador.

Se o que acima vai dito é exato, não é na região do racional, não é nos puros domínios da inteligência que rebentam e se manifestam os Valores. Não os encontraremos nessas terras áridas da Lógica e de suas leis impessoais. Vamos, pois, prosseguir nossa busca em outro continente.

3. Os valores Morais Aparecem e se Revelam nas Terras do Coração

Se aprofundarmos nossa pesquisa, veremos que os Valores Morais, não são, como correntemente se diz hoje em dia, uma espécie de agasalho incômodo de que a Humanidade, finalmente, se desembaraçou. Os Valores Morais são a sombra indefectível do Homem. Aonde ir, para escapar da própria sombra? Não é verdade que os ídolos contemporâneos saciem a fome metafísica, a procura ardente de um "muito mais", que deixa desassossegado nosso coração. Por mais que se refocile nos prazeres do mundo, ou com os bens que, à falta do "vil metal" o "papel corrutor", vai comprando, ou ainda nas alturas enganosas do poder falível e transitório, o coração do homem não está saciado. "Não só do pão vive o Homem: ele vive, acima de tudo de Transcendentais, ou seja: o Bem, a Verdade, o Dever, o Belo". (Jacques Maritain).

Prossigamos nosso esforço de introspecção. Vamos sondar nosso esforço de introspecção. Vamos sondar nosso mundo espiritual interior, tentando descobrir como surgem em nós os Valores Morais. E, levando ousadamente adiante nossa perquirição, tentemos responder à pergunta desafiante: que são, finalmente os Valores Morais?

Parece-me que o surgimento dos Valores Morais no campo da consciência humana resulta de uma revelação, uma espécie de aparição que suplica um movimento acolhedor de nossa vontade, que provoca um "sobressalto do coração", e que vem envolta numa "emoção criadora".

Agora, menos do que conceitos rígidos e bem determinados, vai ajudar-nos um exemplo arrancado da vida humana, em que

o ser do Homem se manifesta todo inteiro, sem mutilações, sem reducionismos.

Debrucemo-nos sobre o Diálogo "Górgias", de Platão. Há quase 25 séculos, o pensamento germinal da Filosofia, na Grécia, tratava uma luta corpo a corpo, na escuridão dos subterrâneos da alma, para começar a ver claro o problema dos Valores. No caso, Sócrates discute com Polos, ardente e verboso discípulo do sofista Górgias, a respeito do que é justo e do que é injusto. Demos a palavra a Platão, e sigamos o Mestre, nos vaivéns do seu raciocínio, titubeante e obstinado.

"Polos: Na minha opinião, aquele que é levado à morte injustamente é, ao mesmo tempo, infeliz e digno de pena, não é verdade?"

Sócrates: Ele ó é menos do que aquele que o faz morrer injustamente. E também menos do que aquele, que, simplesmente morre por causa de uma sentença justa.

Polos: Mas que absurdo. E como assim?

Sócrates: No sentido de que o maior de todos os males é cometer a injustiça.

Polos: Será realmente este o maior dos males? Sofrer uma injustiça não é porventura, um mal maior?

Sócrates: Absolutamente, não?

Polos: Então, tu preferirias ser vítima da injustiça a cometer a injustiça?

Sócrates: Por minha parte, eu preferiria não ter de encontrar-me nem numa situação nem na outra. Mas se, forçosamente, tivesse que haver ou uma injustiça praticada ou uma injustiça sofrida, eu preferia sofrer uma injustiça a cometê-la".

(Platão, "Oeuvres Complètes". Bibliothèque de la Pléiade, I volume, pág. 406; Diálogo "Górgias", parágrafo 469).

Qualquer homem normal, cuja inteligência não esteja embrutecida a ponto de reduzi-lo ao nível dos animais, "esses grandes distraídos da natureza", qualquer homem capaz do mínimo de concentração para captar o mistério que as palavras de Sócrates revelam e escondem, sente uma necessidade de parar para refletir, após esta leitura estonteante.

E aqui, ao que parece, entraria como uma luva a distinção que faz Le Senne entre a "manifestação mesma do valor ao espírito, nele provocando um estremecimento interior" e a "expressão intelectual desta avaliação mediante um juízo de valor". (Le Senne, "Traité de Morale Générale", p. 553 e seguintes).

Falamos acima das "terras do coração". É aí que estamos agora. E entendemos "coração" como a região que, em nosso espírito, não se confunde com a inteligência, está acima da sensibilidade e tem suas fronteiras roçando a zona da vontade. O "coração" é o santuário interior onde habita nosso "eu profundo". Onde a voz da Consciência infinita diz à nossa consciência finita qual o seu dever.

É aí que, na rapidez de um momento, o Valor se revela. Ele subitamente fulgura, nos mantém por um instante numa espécie de vertigem, numa sorte de encantamento extasiado, e logo desaparece. Mas o espírito humano continua sua vida, e tem necessidade de exprimir num "juízo de valor" o inexprimível que se lhe manifestou. E depois que o faz, sente a inadequação entre o que experimentou e o que conseguiu traduzir em palavras. As palavras são mais pobres do que a luz que nos arrebatou durante alguns segundos. A percepção do Valor é, propriamente "inefável": ela não se pode exprimir.

Quem poderá, por "juízos de valor", dizer todos os motivos que levaram um jovem a escolher sua esposa bem-amada? Ou como justificar com palavras o sacrifício que abraçamos, voluntariamente, por uma causa que julgamos merecer tudo de nós, inclusive, nossa vida e até nós mesmos?

Sócrates repetirá mil vezes a Polos a opção, do mais cristalino teor moral, que ele faz, entre "praticar uma injustiça" ou "sofrer uma injustiça". Os homens, dentro dos quais "as terras do coração" são batidas de sol, entenderão o que Sócrates quer dizer, muito mais pela comunhão com o seu estremecimento de alma, do que pela força lógica de suas palavras. Polos (pobre mundo atual, onde "Polos" é o nome de uma infindável coorte humana...) continuará a repetir, na mediocridade de sua alma: "Que absurdo! Que absurdo!"...

4. Sobre como identificar os valores morais que se manifestam ao homem

Se é verdade o que acima dissemos, que "os Valores Morais se manifestam ao Homem num sobressalto do coração", devemos reconhecer que nosso coração estremece também por outras razões que não são tão nobres. Como, pois, identificar os Valores Morais envolvidos na chama de uma emoção interior?

Parece-nos que algumas notas qualitativas nos permitirão reconhecer, pelos sintomas, a natureza da causa de nossa trepidação de alma.

Negativamente, podemos dizer que o autêntico valor moral se apresenta sempre como desprendido de motivações biológicas, de impulsos instintivos que são a manifestação dos nossos determinismos animais. E ainda: o valor moral se apresenta sem nenhum apelo a nossos interesses pessoais radicados no egoísmo. Poder-se-ia mesmo dizer que o valor moral e o egoísmo são antípodas.

Positivamente, assinalamos que o valor moral é sempre, infalivelmente, algo que se inspira no amor do BEM. "Amar é querer o Bem", nos ensina Platão, no Diálogo "O Banquete". E de novo aparece a tartamudez da inteligência, quando é chamada a exprimir em conceitos os valores morais. Ficamos presos numa pobre tiranda verbal, repetindo quase as mesmas coisas, à procura da perfeita formulação que não existe: "Amar é querer o Bem". E o BEM o que será? "O Bem é uma aparição do Ser, uma réstia de Deus neste mundo", nos responde Jean Guittou. Para quem tem vivas dentro de si, "as terras do coração", estas poucas palavras bastam. Para os que não conseguem penetrar nesta dimensão do espírito nenhuma explicação será suficiente ...

Uma terceira característica identificadora, de uma rara singularidade, nos parece ser a seguinte: quando nós tomamos consciência do valor moral que se nos revelou, numa circunstância concreta, num apelo à nossa tomada de posição ética ou mesmo à nossa ação imediata, no momento em que percebemos o valor moral, descobrimos que, anteriormente, no âmago do coração, já éramos cúmplices dele. Quando eu escuto Sócrates dizer a Polos que ele preferiria sofrer uma injustiça antes de cometê-la, dentro de mim meu coração já estava de acordo com Sócrates. Eu não sei

...
(dirá cada um de nós) se, numa situação concreta, eu terei a força desta opção que pode roçar a fímbria do heroísmo. Mas, uma voz adormecida se acorda dentro de mim, neste instante, para dizer - me que Sócrates é que tem razão, e que eu, no que de mais puro ainda houver dentro de mim, estou de acordo com ele, pois já havia selado com Sócrates um inconsciente pacto de cumplicidade.

Neste mundo de crimes, de injustiças e de escuridão, cada homem carrega, talvez sem o saber, o seu próprio e interior "tabernáculo de claridade"...

5. Onde se indaga qual seja o fundamento dos valores morais

Le Senne sustenta, com razão, segundo nos parece, que, no meio dos múltiplos valores que surgem ante o nosso espírito, no desenrolar de nossa vida e na variedade de nossas circunstâncias, há "Quatro Valores Cardeais", a saber: a Verdade, o Bem, a Beleza e o Amor. Seriam as "qualidades transcendentais" do Ser, segundo o Tomismo, agora na visão do Mestre Francês.

E ele se pergunta donde nasce o caráter permanente desses valores, já que eles fulguram só por alguns instantes nas consciências humanas, e ademais, essas consciências humanas são elas mesmas transitórias no tempo. A resposta é que os Valores Morais relativos, que surgem em nossa consciência efêmera, são todos eles "fundados" num Valor Absoluto do qual todos provêm, e sem o qual perderiam sua densidade e significação.

Não há dúvida que os "Valores Cardeais" são uma família de irmãos; a Verdade é um Bem, o Bem é Belo, e a Verdade e o Bem e o Belo merecem Amor.

Por trás desta afinidade tão estreita, se perfila, agora, no imponderável da eternidade, o VALOR ABSOLUTO, que é o fundamento de tudo e não é fundamentado por nada de diverso, e que, por ser pensamento e amor, é Consciência. A Consciência infinita, a Fonte Absoluta dos Valores: DEUS.

Afirmamos, acima, que o terreno específico onde brotam os Valores Morais que se apresentam ao Homem não é o campo da inteligência. Chegou o momento de matizar esta afirmação. Melhor será dizermos: não é o campo da "inteligência pura". Pois a compar

timentação a que nossa maneira de raciocinar nos obriga (procedendo por análise e síntese) não corresponde plenamente à realidade de nossa vida espiritual. Dentro de nós, inteligência e vontade, sensibilidade e amor vivem entrelaçados, numa reciprocidade de perspectiva, e numa influência mútua inexplicável, a ponto de nunca se saber bem onde termina o mar e onde começa a praia. Talvez foi por isso que Platão ensinou: - "É preciso que busquemos a verdade com a alma toda!"

Obrigados a dissecar para entender, nós dizemos que a inteligência percebe a verdade; a sensibilidade capta o belo; a vontade quer o bem; o coração se inclina para o amor. Mas quem não sente até que ponto, dentro de si mesmo, todas essas forças vivas do espírito se enlaçam e se interpenetram? Existe, pois, um denominador comum subjacente aos Valores Cardeais, a todos os Valores Morais. E este elemento subjacente, ao qual nada subjaz (de outra forma mergulharíamos no estéril "processo ao infinito"), se reveste das qualidades com que o homem, em todas as épocas, tentou dizer, em linguagem humana, o indizível de Deus: Absoluto, Eterno, Justo, Belo, Bom, Verdadeiro, Amor.

Começamos agora a ver mais claro: os Valores Morais autênticos não morrem, não poderão morrer nunca enquanto durar o Homem. Pois eles são, na consciência humana, a manifestação necessária de sua própria natureza dependente. Nós não nos fazemos. A vida é muito menos uma escolha do que uma aceitação. Aceitando-nos como já éramos antes do nosso querer, nós nos descobrimos um ser moral, essencialmente polarizado para os Valores Morais, vendo neles nossa única oportunidade de, a partir do homem que somos, tornarmos o Homem que devemos ser.

6. Sobre o que seria a "Lei da Escada de Jacó"

Aqui se impõe, para que nossa honestidade intelectual seja inteira, uma pergunta candente. É a seguinte: se os "Valores Cardeais" são permanentes, como explicar que um comportamento considerado imoral há cinquenta anos passados, seja considerado moral e tranqüilamente aceito pela sociedade dos nossos dias? - "Mudaria o Natal ou mudei eu?"

A essa questão grave e agudamente atual ousamos apontar um horizonte de solução. Os valores fundamentais, parece-nos,

...

são de fato permanentes. Mas sua incarnação no loque de valores concretos que são aceitos por determinada sociedade humana, a certa altura da História, depende de um feixe de variáveis oscilantes.

Um exemplo, aplicável a problemas similares, nos ajudará, nesse passo. O Édito de Milão, do Imperador Constantino Magno, no ano 313, trouxe a Igreja Católica das sombras das catacumbas para a liberdade e a luz do sol. E mais: a conversão do Imperador deu ao Papa um poder inesperado e de grande força para influir nas leis vigentes em Roma. Entretanto, foi preciso quase um século para que os Papas conseguissem pôr um termo eficaz aos combates de gladiadores, que faziam as delícias dos romanos, nos Maracanãs daquela época.

O apreço à vida de um ser humano inocente é a refração dos Valores Cardeais do Bem, do Amor, do Belo. Um anfiteatro que vibra de delirante entusiasmo, porque um gladiador mais hábil tingiu com o sangue do seu adversário inocente as areias do Coliseu é hoje, para nós, literalmente, uma monstruosidade. Mas, para os romanos do Século IV, os filtros opacos, as lentes de poeira que se escondem nos subterrâneos da humana consciência não deixavam que a claridade dos Valores Fundamentais incidisse neste problema concreto sobre a alma dos habitués do Coliseu. Com o passar das décadas os filtros malditos, que insinuavam a desvalia da vida de um homem foram pouco a pouco destruídos, e hoje a Declaração dos Direitos Humanos coloca, em primeiro plano, o respeito à Vida da Pessoa Humana Inocente. Teoricamente, ao menos, essa tese é aceita por todos como a verdade mais evidente e irrefragável. E nós nos assombramos ao pensar, que o contrário tenha sido possível, nos séculos que se foram...

A essa altura, a quem nos indagasse se a Humanidade, uma vez tendo chegado a um altiplano moral, reconhecendo a presença de um Valor Cardeal num valor concreto da vida quotidiana, terá obtido uma conquista definitiva, sem volta, que nada lhe poderá arrebatá-la, responderemos que não. Parece-nos vislumbrar, no mundo dos Valores Morais da vida quotidiana, no mundo dos valores reconhecidos e adotados pela Humanidade, em determinado momento da História, uma espécie de "Lei da Escada de Jacó".

Explicamo-nos: uma lei que preside ao comportamento de duas correntezas a se moverem em sentido contraditório. Ou se - ja; uma corrente de energia ética impele a Consciência Moral Coletiva no sentido ascensional, e outra correnteza nos impulsiona pelo paredão da montanha abaixo, num movimento de degradação ética.

Parece-nos possível identificar, no caso, uma singular diferença: a Consciência Moral Coletiva se move muito lentamente no sentido ascensional enquanto que uma espécie de implacável força de gravidade, aparentada com o "poder das trevas", atrai e precipita, num ritmo muito mais veloz, nossa consciência moral na direção da descida dos abismos.

Essas duas forças interiores à consciência moral da humanidade (que Pascal denominaria: "Grandeur et misère de l'homme!") parecem revezar-se, ciclicamente, na prevalência que exercem sobre o comportamento coletivo. A uma época de grande altura moral, sempre se segue um período de cansada mediocridade, logo seguida de uma fase de decomposição moral. E quando a degradação tocou o último grau da descida aos infernos, como um mergulhador que alcançou com os pés o fundo do mar, há como que um impulso que é arrancado da desesperada descida, e novamente, e penosamente recomeça a ascensão.

Entre essas forças dilaceradoras e alternantes caminha aos solavancos, a Consciência Moral da Humanidade.

7. Breve reflexão sobre o mal

Numa consideração sobre os Valores Morais, onde se pretenda andar pelo caminho real da vida humana, uma reflexão sobre o mal se impõe. Porque tropeçamos com ele a cada passo. Mais ainda: porque o trazemos dentro de nós mesmos. Indaguemo-nos, pois: - Que é o Mal ?

A clássica filosofia grega, como nos foi transmitida por Santo Agostinho (influenciado por Platão) e por Santo Tomás de Aquino (o mais eminente seguidor de Aristóteles) nos responde que o Mal não existe, em si mesmo. Ele é apenas uma privação do ser.

Assim escreve Santo Agostinho: "Todas as coisas que existem, são boas; e aquele Mal, sobre o qual eu me perguntava don-

de ele vem, não é uma substância, porque, se substância fosse, seria bom" ("Confissões", livro 7, cap. 12, nº 18).

E Santo Tomás: "O mal não é uma entidade positiva, pois todo ser é bom; nem apenas a simples ausência do bem: se assim fosse, todo ser finito seria mau e as coisas que de modo algum existem também seriam más. O mal é a privação de uma perfeição de vida" (Suma Theologica, 1ª, q. 48, art. 3ª).

Será que estas conceituações abstratas satisfazem o espírito contemporâneo? É plausível duvidar. "A pergunta que antigamente os gnósticos formulavam: - "Onde vem o mal?" não encontrou resposta no mundo cristão (...). E hoje o mundo cristão se confronta com o princípio do mal, que se instalou e se expõe sem pudor: a injustiça, a tirania, a mentira, a escravidão, a opressão das consciências. Diante deste fato, o mal não pode mais ser bagatelizado sob o eufemismo de *privatio boni*: gigantesco e devastador, o Mal se tornou uma realidade determinante" (K.G. Jung, "Ma Vie", p. 373).

Não vamos assinalar o óbvio: é evidente que os filósofos gregos citados e K.G. Jung se colocam em dois patamares diversos do pensamento. Mas é chegado o momento de reconhecer que o mal não é um problema filosófico: ele é um mistério. Algo em torno de que a reflexão humana fará sua ronda sem fim, não chegando jamais a decifrá-lo cabalmente.

Ora, é justamente às voltas com esta realidade indecifrável que a consciência moral do homem se vê a braços, no problema dos valores.

O fato grave reconhecido, desde que o homem se debruçou sobre a interioridade de sua alma, é que nosso universo moral está estilhaçado, dilacerado entre o bem e o mal. "O bem e o mal estão em luta, e o campo de batalha é o coração humano" (Dostoievski). Platão afirmou peremptoriamente que "ninguém faz o mal voluntariamente". Vinte e cinco séculos depois, um outro filósofo, Bergson, contradita: "Eu creio que existem homens que querem o mal pelo mal" (Chevalier: "Entretiens avec Bergson" Paris - plon p. 213).

E por isso, a adesão aos Valores Morais, e sobretudo a fidelidade a eles ao longo do tempo, são árduos esforços, ba -

talhas duras e sangrentas, travadas nos campos da consciência. É o preço do discipulado", como diria Bonhoffer. Ou então é a verdade singela contida no lógion, na palavra sapiencial do P. Pouget a Jean Guitten: "La vertu, cela coûte, cela coûte beau - coup".

O trágico é que, dentro do coração humano, o Mal se apresenta, não apenas como uma possibilidade, uma opção remota de uma hipótese improvável, mas com a urgência de uma tentação imperiosa, com a força de uma lei que nos dobra e nos domina.

Já entre os pagãos, o poeta romano Ovídio, um século an - tes de Cristo, confessava seu aturdimento: - "Video meliora, proboque, deteriora sequor". ("Vejo as coisas melhores e as aprovo, e faço as piores"). E São Paulo, o grande apóstolo cristão, o dirá em termos ainda mais lancinantes: "Eu não faço o bem que quero, mas o mal que não quero. Se eu, porém, faço o que não quero, já não sou eu que o faço, mas sim o pecado que habita em mim. Eu encontro, pois, esta lei em mim: quando quero fazer o bem, o mal está junto de mim" (Epístola aos Romanos, Cap. 7, vers. 9 a 21).

E aqui, talvez, encontremos a mais apropriada explicação para o escapismo dos nossos contemporâneos, em afirmar que "os valores morais morreram". O homem hodierno sabe, no âmago de sua consciência, que os valores morais estão vivos. Mas é o preço da fidelidade a esses valores que o homem moderno não quer pagar. Este preço se chama: renúncia a si mesmo, amor concreto e verdadeiro do próximo, aceitar ser criatura de Deus e viver à luz das conseqüências disto, abandonando de uma vez o projeto alucinante que a todos nós ronda como uma maldição: "tu és o deus de ti mesmo!".

Na Educação Moral e Cívica, o ensino de um certo ascetis - mo é um caminho de que não se pode prescindir. "A estrada certa é sempre a que sobe", dizia Platão. E esta subida será uma espécie de gradativa sensibilização moral, uma como "ginástica inte - rior", que não consiste no masoquismo de fazer alguém sacrifi - car-se pelo prazer do sofrimento, mas sim em criar, dentro do Homem, condições de disponibilidade para o sacrifício que, sendo eventual, é paradoxalmente, necessário e indefectível. Exis -

tem valores mais altos do que nós mesmos. E a esses valores todos nós devemos acostumar-nos a nos curvar e a nos submeter.

8. Finalizando

Perguntamo-nos, através destas considerações, se os Valores Morais estão mortos, e se conseqüentemente a Educação Moral perdeu sua razão de ser.

Respondemos, como resumo do raciocínio exposto, que os valores morais estão vivos. Que eles não podem morrer. Eles são a refração, na consciência do homem, do Valor que é a fonte de todos os Valores, que é o Ser, o Infinito, a Verdade, o Bem, o Belo, o Amor numa palavra: DEUS. E para esses valores o homem está polarizado irremediavelmente, pois imantado a eles se encontra, sem apelação, por sua própria natureza.

A meditação dessas reflexões despreziosas, que a Comissão de Educação Moral e Cívica do CFE oferece aos professores desta disciplina e desta prática educativa, poderá esperamos, ajudá-los a formar as novas gerações de brasileiros. E a formá-los para o Bem, a Solidariedade, a Verdade, a Justiça, o Amor, com todo o sacrifício de si mesmos que isto requerer.

Pois nossa Pátria só permanecerá de pé enquanto visar bem mais alto do que o horizonte raso do hedonismo e dos interesses egoístas e enquanto preservar sua fidelidade aos valores morais que a moldaram, e que constituíram, através dos tempos, a sua respiração básica.

Conclusão da Comissão de Educação Moral e Cívica

A Comissão de Educação Moral e Cívica do Conselho Federal de Educação aprova o presente parecer e conclui no sentido de ser o mesmo enviado à Comissão Nacional de Moral e Civismo e às Secretarias de Educação, do Distrito Federal, dos Estados e dos Territórios a fim de que essas façam chegar cópia do presente documento às mãos de todos os professores de Educação Moral e Cívica que atuam em sua Jurisdição.

A Comissão de Educação Moral e Cívica do CFE. - Paulo Nathanael - Presidente - ad hoc, Dom Luciano José Cabral Duarte - Relator, Dom Serafim Fernandes de Araújo.

IV - DECISÃO DO PLENÁRIO

O Conselho Federal de Educação, reunido em sessão plena, nesta data, acolhendo o Processo S/nº, originário da Comissão de Educação Moral e Cívica do Conselho Federal de Educação, aprovou o Parecer do Relator e vota no sentido de que seja solicitado ao Ministério da Educação e Cultura que o presente Parecer tenha a mais ampla divulgação possível, utilizando os meios de que dispõe esse Ministério.

Documenta (233) Brasília, abr. 1980